



**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO PESQUISA E EXTENSÃO**

ANDRÉA DURANTE DE MEDEIROS

**TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS QUE CONTENHAM
ELEMENTOS INDICATIVOS DE COR**

Criciúma

2010

ANDRÉA DURANTE DE MEDEIROS

**TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS QUE CONTENHAM ELEMENTOS
INDICATIVOS DE COR**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Inglesa como requisito para a obtenção do título de Especialista em Língua Inglesa.

Orientador Prof. Dr. Wilson Schuelter

Criciúma

2010

Dedico este trabalho à minha família, meus pais e, principalmente, a meus filhos que estão sempre ao meu lado me apoiando, meus grandes companheiros.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, que dá coragem e permite que nós, seres humanos, não tenhamos limites para conquistar nossos objetivos.

Ao meu orientador, deixo meu agradecimento especial, pois além de aceitar o meu convite para a orientação, não mediu esforços para que o trabalho fosse concluído.

RESUMO

O objetivo geral deste trabalho foi o de analisar a tradução de expressões idiomáticas (EIs) que contenham elementos indicativos de cor. Para aprofundar os estudos sobre as expressões idiomáticas que trazem nome de cores foram traçados os seguintes objetivos específicos: realizar exaustivo levantamento bibliográfico; estudar a bibliografia publicada sobre tradução das expressões idiomáticas; verificar quais as principais expressões idiomáticas que trazem nome de cores da língua inglesa; verificar os provérbios e as expressões fixas e a busca dessas expressões lexicais, dificuldades encontradas pelo tradutor e recursos utilizados para dar conta da tradução. Pesquisa do tipo bibliográfica. A ferramenta utilizada na pesquisa foi o sistema de busca *Google*. Analisaram-se alguns aspectos das 150 EIs que foram coletadas. Fizeram-se algumas observações quanto à tipologia estrutural das EIs em inglês, quanto à tipologia de tradução dessas EIs e quanto às particularidades semânticas das EIs. Encontraram-se, para a grande maioria das EIs em inglês, traduções parafrásicas ou explicativas e 38 também idiomáticas em português. Conclui-se que o tradutor deve possuir vivência e amplo conhecimento cultural e linguístico para realizar uma tradução. O tradutor pode ter falhas não apenas por desconhecimento das culturas, do assunto e dos idiomas envolvidos no processo de tradução, mas também por falta de qualificação que o permita utilizar procedimentos técnicos adequados.

Palavras-chave: Tradução, expressões idiomáticas, idiomatismo.

ABSTRACT

The aim of this study was to examine the translation of idiomatic expressions (IEs) containing color indication elements. To deepen the study on the idiomatic expressions with color indications, the following specific objectives were defined: to carry out exhaustive bibliography survey, study the published literature on translation of idioms and check what the main idioms with color in the English language; to check proverbs and fixed expressions, search these lexical expressions, and examine the difficulties encountered by the translator and resources used to carry out the translation. This bibliographic research used Google's search engine. We analyzed some aspects of the 150 IEs that were collected. Some observations were made on the structural typology of the IEs in English, in relation to the typology of translation of these IEs and in relation to their semantic particularities. For the majority of the IEs in English, paraphrastic or explanatory translations were found and 38 of these idioms also exist in Portuguese. We concluded that the translator must have experience and extensive cultural and linguistic knowledge to perform a translation. The translator can have flaws not only by the lack of knowledge of the culture, subject and language involved in translation, but also for lack of qualification that enables him/her to use appropriate translations techniques.

Key words: translation, idiomatic expressions, idioms.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS.....	10
2.1 CONCEITO E TEORIA DA TRADUÇÃO EM GERAL	10
2.2 TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS	13
2.3 O LÉXICO E AS CORES	17
3 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	20
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	20
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	22
4.1 ANÁLISE DOS IDIOMATISMOS COM CORES	22
4.1.1 O tema cores	22
4.1.2 Tipologia estrutural.....	23
4.1.3 Tipologia de tradução.....	24
4.1.3.1 Exemplário de EIs com tradução idiomática	24
4.1.3.2 EIs com traduções explicativas ou parafrásicas	24
4.1.4 Particularidades semânticas das EIs com tradução idiomática	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30

1 INTRODUÇÃO

O idioma é um termo usado frequentemente como sinônimo de língua. O idioma se usa mais quando se fala de língua estrangeira. Daí origina-se o termo expressão idiomática, usado para referir-se a uma estrutura, uma unidade léxica complexa, que não é dedutível apenas do sentido individual dos seus elementos ou os signos linguísticos, mas do conjunto que envolve um contexto sociocultural distinto. (LEMOS, sd)

Como vivemos num mundo globalizado, a prática da tradução é necessária para que haja uma interação cultural. Muitos pesquisadores e educadores já discutiram se é ou não possível realizar traduções fielmente de uma língua para outra, existem muitas opiniões contraditórias, mas mesmo assim muitas traduções continuam sendo feitas no mundo inteiro.

Segundo Robinson (2002, p. 261), “traduzir é muito mais que procurar equivalentes na língua de destino para palavras e expressões da língua de origem, é conscientização dos papéis da tradução na sociedade e da sociedade na tradução”.

Diante da enorme tarefa que cabe ao tradutor, estreitamos o foco de análise para examinar um tópico específico e estabelecemos como questão norteadora desta pesquisa identificar idiomatismos em inglês que trazem nomes de cores em ao menos um de seus itens constitutivos e analisar a dificuldades de tradução para a língua portuguesa.

Trabalhou-se com o tema cores e com a palavra cor (*color*). Este tema foi escolhido devido ao fato de ser utilizado em uma grande quantidade de EIs e estar incorporado ao nosso dia-a-dia

É imprescindível que as pessoas se expressem idiomáticamente. Expressar-se idiomáticamente não significa simplesmente empregar expressões idiomáticas, mas ter um bom nível de domínio de um idioma. O domínio, por sua vez, está relacionado à capacidade de comunicar-se de maneira não trivial, empregando metáforas convencionais e, a partir delas, criando outras metáforas. (MATIAS, 2008)

As expressões idiomáticas servem de veículo para o conhecimento das particularidades da cultura enraizada dos países. Desse modo, uma pesquisa sobre as dificuldades enfrentadas na tradução das expressões idiomáticas representam em várias culturas, em especial, nas culturas brasileira e americana, condição necessária para compreendermos, em princípio, os valores culturais. (PASTORE e ZAVAGLIA, 2006)

Quando falamos em tradução, constatamos que é necessário conhecer o objeto a ser traduzido, com relação a seu significado e ao seu papel no sistema linguístico. As expressões idiomáticas são tão comuns na língua Inglesa que podemos cair na armadilha de

traduzir uma expressão com sentido conotativo por uma expressão com sentido denotativo e, assim, construirmos um texto incompreensível. Na tradução de expressões idiomáticas, devemos encontrar o maior número de elementos que sustentem nossas escolhas, observando se a equivalência idiomática proposta está apoiada e baseada na cultura. (RIVA e RIOS, 2002)

Portanto, esta pesquisa poderá ter relevância para os tradutores e estudantes que enfrentam dificuldades na tradução de expressões idiomáticas que trazem nome de cores.

O objetivo geral deste trabalho foi o de analisar a tradução de EIs que contenham elementos indicativos de cor. Para aprofundar os estudos sobre as expressões idiomáticas que trazem nome de cores foram traçados os seguintes objetivos específicos: realizar exaustivo levantamento bibliográfico; estudar a bibliografia publicada sobre tradução das expressões idiomáticas; verificar quais as principais expressões idiomáticas que trazem nome de cores da língua inglesa; verificar os provérbios e as expressões fixas e a busca dessas expressões lexicais, dificuldades encontradas pelo tradutor e recursos utilizados para dar conta da tradução.

Este trabalho foi organizado em cinco capítulos. No primeiro há a descrição do tema, a justificativa e os objetivos, geral e específico. O segundo tem dois enfoques: a revisão do conceito e teoria da tradução em geral e revisão teórica sobre tradução de expressões idiomáticas que trazem nome de cores. O terceiro se refere ao delineamento da pesquisa, materiais e métodos, análise e estatística. O quarto descreve os resultados obtidos, bem como a discussão dos resultados. O quinto trata das considerações finais.

2 TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

2.1 CONCEITO E TEORIA DA TRADUÇÃO EM GERAL

Desde os tempos mais remotos, a tradução é uma prática que vem sendo exercida. Mas, na realidade, o que é tradução? Esta é uma pergunta que é feita por muitos e alguns especialistas tentaram responder. Vários conceitos foram criados para responder a essa pergunta. A maioria destes conceitos diz que a tradução é um bem necessário, enquanto outros fazem críticas e dizem que é um mal do século. Vendo tantas opiniões contraditórias, o mais sensato a ser feito é procurar os conceitos mais simples e objetivos dos dicionários. Segundo Ferreira (1988), autor do Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa, traduzir é: transpor, trasladar de uma língua para outra. Scottini (1998), em seu Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, define que traduzir é verter para outro idioma, manifestar, representar, simbolizar. No dicionário da Língua Portuguesa, Antenor Nascentes (1961-1967), encontramos a seguinte definição de traduzir: trasladar de uma língua para outra, especialmente a vernácula.

Rodrigues (2008) em sua monografia intitulada: “Análise do ensino da Tradução: Teoria e prática”, cita Robert Lado que diz que traduzir é fazer com que aquilo que era enunciado numa língua o seja numa outra, tendendo à equivalência semântica expressiva dos dois enunciados. Esta definição leva em conta não só a equivalência de sentido a ser preservada; mas também a complexidade do processo.

Segundo Rónai (1976), quando a maioria das pessoas pensa em tradução faz idéia de uma atividade puramente mecânica em que um indivíduo que domina duas línguas vai substituindo as palavras de uma frase na língua A, por seus equivalentes na língua B. Mas as coisas não funcionam exatamente assim, as palavras não tem sentido isolado, os seus sentidos acontecem dentro de um contexto.

O conceito de tradução que nos serve vem de uma teoria que desconstrói a ilusão de que a tradução é transferência de significados (XATARA, RIVA e RIOS, 2001). Pois tradução com certeza é muito mais do que a troca de elementos lexicais e gramaticais entre línguas. (BASSNETT, 2003)

A tradução comumente é usada pra transferir textos escritos e falados de uma língua fonte para textos escritos e falados de uma língua alvo. Em geral, o objetivo da tradução é reproduzir vários tipos de textos - incluindo textos religiosos, literários, científicos

e filosóficos – em outra língua e assim torná-los disponíveis a um número maior de leitores. (EFTEKHARI, 2008)

Campos (1986) começa sua obra “O que é Tradução?” usando a definição dos dicionários acerca de tradução como “ato ou efeito de traduzir”; sendo que ato, segundo ele, leva o tempo que o tradutor emprega no seu trabalho e efeito o que resulta deste trabalho. O autor faz a pergunta sobre o verbo “Traduzir”. Traduzir é originário do latim, vem do verbo Traducere, que significa “conduzir ou fazer passar de uma língua para outra”. O autor destaca, ainda, que a tradução, enquanto passagem de um texto de uma língua para outra, certas vezes está relacionada ao léxico, às vezes à sintaxe, outras vezes, à morfologia da língua que se está traduzindo e da língua para a qual se está traduzindo.

Quando o texto é oral há “interpretação” e quem a realiza, então, é um intérprete. Portanto, pode-se concluir que na visão de Campos (1986), a tradução falada não seria uma tradução e sim uma interpretação. Pode-se destacar, ainda, que este autor defende que nenhuma tradução pode ter a pretensão de substituir o texto original, pois é apenas uma tentativa de recriação dele. E outras tentativas sempre poderão ser feitas. Sabe-se que esse não é o papel da tradução. A pretensão do tradutor é recriar a obra estrangeira, procurando ser o mais fiel possível à mensagem do autor, para que aqueles que a leiam e que não falam a língua original do texto não sejam privados do prazer e da honra de poder alcançar outras culturas e através da leitura, ampliar seus horizontes.

Não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra; a tradução requer assim, do tradutor qualificado, um repositório de conhecimentos gerais, de cultura geral, que cada profissional irá aos poucos ampliando e aperfeiçoando de acordo com os interesses do setor a que se destine o seu trabalho. (CAMPOS, 1986, p.27,28).

Quando ocorre uma tradução entre línguas diferentes e esta serve como um processo de comunicação, é inevitável que se tenha alguma perda de informação como em qualquer situação de comunicação e pode ser considerada como um fator implícito nesse processo. O tradutor tem o papel de levar o leitor de uma língua para outra. Por isso, para que seja feita uma tradução faz-se necessário o uso de procedimentos especiais, e muito cuidado para que não haja confusão. (JULIANO e CITTOLIN, 2005)

De acordo com Frota (1999, p.55), a tradução passa a ser considerada uma *reescritura*, um texto que inevitavelmente transforma o texto estrangeiro, devido a dois fatores que são: as diferenças estritamente linguísticas e as diferentes funções que o texto

traduzido pode ter na cultura de chegada. Portanto, o fator cultural é importantíssimo quando falamos de tradução.

Ladmiral (1979, p.15) declara:

A tradução é um caso particular de convergência lingüística: no sentido mais amplo, ela designa qualquer forma de ‘mediação interlingüística’ que permita transmitir informação entre locutores de línguas diferentes. A tradução faz passar uma mensagem de uma língua de partida (LP), ou língua-fonte, para uma língua de chegada (LC), ou língua-alvo.

Alguns escritores, como Humboldt (1992, p. 3-4), observam que: “Nem toda palavra de uma língua tem um equivalente exato na outra. Dessa forma, nem todos os conceitos que são expressados através de palavras de uma língua, são exatamente os mesmos que são expressados através de palavras de uma outra”. Portanto, pode-se afirmar que não há uma palavra equivalente para cada palavra em outra língua, assim, nem todas as palavras que expressam um conceito em uma língua o farão em outra. Para este fim, é preciso entender o significado e então passá-lo para a língua a ser traduzida com a estrutura e as palavras que forem necessárias e que não serão as do texto original. Um bom exemplo para isso é a palavra “saudade”; esta palavra existe somente na língua portuguesa. O que temos em outras línguas são equivalências, outras formas de dizer que se sente falta de alguém.

Nem toda palavra tem uma equivalente exata em outra língua. Portanto, nem todas as palavras que expressam um conceito em uma língua o fazem da mesma maneira na outra. Para certos conceitos, a palavra existe só em uma língua e, então, é adotada por outras línguas. (SCHOPENHAUER, 1992)

Nida (1957), em sua obra *Learning a Foreign Language*, quando trata deste assunto acerca de equivalência, ele usa sabiamente um pensamento de Darbelnet: “A tradução é uma operação que consiste em fazer passar de uma língua para outra todos os elementos de sentido de um texto, e apenas esses elementos de sentido, de modo que conservem na língua alvo sua importância relativa, bem como a sua tonalidade, levando em conta diferenças ente si, apresentam as culturas as quais correspondem respectivamente, a língua fonte e a língua alvo”.

Schulte e Biguenet (1992, p. 09) destacam que a leitura é também um ato de tradução e que este processo se dá pelo entendimento humano secreto do mundo e da comunicação social. A língua, por si só, já é uma forma de tradução e o ato de recriá-la,

através do processo de leitura, é uma outra tradução. Sendo assim, a tradução é uma forma de revitalizar a língua, estimulando a criação de novas palavras na língua traduzida e influenciando as estruturas gramaticais e semânticas dela, portanto, pode ser vista como enriquecimento da língua.

Ainda que existam vários pontos de vista em relação ao assunto em questão, todos aqueles que dedicam seu tempo a transpor de uma língua para outra as obras de autores estrangeiros possuem o mesmo objetivo. Com certeza existem vários profissionais ruins, como em todas as profissões, mas existem também fieis seguidores, que tudo fazem para contribuir com êxito para com a profissão a qual, por amor ou por dinheiro, se dedicaram. (RODRIGUES, 2008)

Mas quando se fala em tradução, nem todos elogiam. Existem alguns autores que, por medo de verem seus trabalhos adulterados e a mensagem final alterada, devido ao trabalho de um mau profissional, não entregam suas obras nas mãos de tradutores antes de verificarem pessoalmente o conhecimento deles sobre tradução e qual postura adotam quando estão trabalhando. Vários deles acompanham a tradução até o final, outros se recusam prontamente. (RODRIGUES, 2008)

Muitas críticas e elogios foram feitos em relação à tradução. Aqui, cita-se uma bem interessante: “Lembraí-vos sempre quando vides uma tradução, que vedes uma fraca estampa de um belo quadro”. (VOLTAIRE, *apud* PAES, 1990, p.35.)

A tradução tem percorrido um longo percurso, através de sua história e das teorias que tentem explicá-la. Vários pesquisadores do assunto divergem em suas opiniões e teorias sobre a tradução. Críticas, sejam elas a favor ou contra, baseadas ou não em fundamentos lógicos. Seja a tradução usada por intérpretes, tradutores ou professores nas aulas de língua estrangeira. Contudo, a maioria concorda com a função que ela desempenha. Quem ganha com tudo isso é o leitor, e muito se perderia se não houvesse bons tradutores que presenteiam os leitores com a tradução de muitos clássicos da leitura mundial. (RODRIGUES, 2009; JULIANO e CITTOLIN, 2005)

2.2 TRADUÇÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS

A linguagem é considerada um instrumento de comunicação, uma instituição. Em primeiro lugar, ela serve de suporte ao pensamento. Por outro lado, exerce uma função estética que se confunde de perto com as funções comunicativa e expressiva. Finalmente, a

linguagem é articulada, isto é, as experiências a transmitir, as necessidades que se pretendem revelar e outrem se analisam numa série de unidades, cada uma delas possuidora de uma forma vocal e de um sentido e o modo por que se ordena a experiência comum a todos os membros de determinada comunidade linguística. (ALVAREZ, 2007)

Sendo um processo, a linguagem não representa apenas a fala humana, mas tudo que cerca o indivíduo e transmite-lhe informações sobre culturas diversas e seu mundo. Dentre as várias linguagens, a língua é a mais importante para o homem. Pelo dinamismo da língua, o falante faz uso de inúmeros recursos linguísticos, como frases feitas, as gírias, modismo, provérbios e idiotismos. Inúmeros estudos apontam dificuldades em definir tais terminologias. (LEMOS, sd)

Edward Sapir (*apud* BASSNETT, 2003 p. 35) sustenta que:

a língua é um guia para a realidade social e que os seres humanos se encontram à mercê da língua que se tornou o meio de expressão da sua sociedade. A experiência é largamente determinada pelos hábitos linguísticos da comunidade e cada estrutura isolada representa uma realidade distinta: nenhum par de línguas é suficientemente similar para que se possa considerar que representam a mesma realidade social. Os mundos em que vivem diferentes sociedades são mundos distintos, não apenas o mesmo mundo com rótulos diferentes.

Segundo Alvarez (2007), com o renovado interesse pela linguagem situada socioculturalmente a ser construída e/ou reconstruída, ressurgiu a percepção da relevância da questão do léxico/expressões idiomáticas. Um dos elementos importantes da expressividade do léxico é o fenômeno da gíria e das expressões idiomáticas, um dos meios de realização da linguagem individual do falante no grupo, uma verdadeira marca de identificação social. Seu uso quebra formalidades, favorece interações entre os interlocutores, fazendo com que eles se identifiquem pelo humor e pela irreverência.

Segundo Rios (2009), o termo “lexia” foi escolhido por Pottier para indicar unidades de conteúdo de dimensões variáveis, numa tentativa de substituir o termo “palavra”. Assim, uma lexia complexa (LC) caracteriza-se como um conjunto de palavras que constitui uma combinação fixa e forma uma unidade de sentido. E dentre todos os tipos de LCs, destacamos as expressões idiomáticas (EIs).

Em Fraseologia, as LCs são chamadas fraseologismos ou unidades fraseológicas (UFs) e podem ser definidas como “combinações de palavras convencionais de uma língua: memorizadas como um todo, estáveis (portanto, fixas ou com um certo grau de fixação) e recorrentes” (RIOS, 2003, p.24). A EI é uma expressão idiomática, pode ser considerada um

fraseologismo, por consistir em uma combinação de palavras que, devido a seu uso constante, perde sua independência e adquire um sentido global. (XATARA; RIOS, 2007)

A expressão idiomática (EI) pode ser definida como uma unidade sintática, semântica e lexicológica. O seu significado não pode ser calculado pelos significados das palavras contidas numa expressão e apresenta uma distribuição única ou muito restrita dos seus elementos lexicais. As particularidades das EIs abrangem dois vetores: a forma (a EI é constituída por um grupo de palavras) e o conteúdo (o significado idiomático). (ALVAREZ, 2007)

Corrêa, Santos e Martins (2008) afirmam que as expressões idiomáticas são conjuntos cristalizados de palavras, de sentido figurado, cujo sentido seja diferente do da soma das partes que os compõem, como por exemplo, “pisar na bola” (quem “pisa na bola” não “põe os pés sobre um objeto redondo”).

Para Xatara e Rios (2007), definir EIs tem de entender do termo *lexia complexa*. E as autoras afirmam que por *lexias* entendem, com base na terminologia de Pottier, unidades de conteúdo que poderiam ser definidas, paradigmaticamente, por sua possibilidade de substituição no interior de uma classe de *lexemas* dados (“ipê”, “pinheiro”, “pé de mandioca”, por exemplo) e, sintagmaticamente, por uma espécie de recursividade léxica, podendo as unidades de nível hierarquicamente superior ser reproduzidas no nível *lexemático*. Em outras palavras, a *lexia* é uma unidade funcional significativa do discurso e a *lexia complexa*, uma unidade funcional significativa do discurso constituída por uma sequência estereotipada de *lexemas*. Por exemplo: “pé-de-moleque” é apenas uma palavra composta e não uma *lexia complexa*; a UL “ir para a cidade dos pés juntos” pode ser considerada uma *lexia complexa* por ser uma sequência estereotipada, de sentido global e é idiomática, porque também expressa conotação; já “quem com ferro fere, com ferro será ferido” é uma *lexia complexa* e conotativa, mas não uma EI, pois se trata de um provérbio, fraseologismo que encerra um enunciado fechado e expressa um ensinamento ou uma moral. Assim, toda EI é uma *lexia complexa*, embora nem toda *lexia complexa* seja uma EI.

Quando traduzimos expressões idiomáticas, devemos procurar encontrar o máximo número de elementos que sustentem nossas escolhas. É necessário que estas escolhas sejam apoiadas e cerceadas pela cultura da comunidade interpretativa na qual o tradutor se insere e para a qual ele destina seu trabalho. Portanto, é imprescindível uma vasta pesquisa que envolva não apenas obras lexicográficas, mas também informantes nativos, conhecedores de sua língua materna. (XATARA, RIVA e RIOS, 2001)

As EIs, se consideradas primeiramente como lexias complexas indecomponíveis, são unidades locucionais ou frasais que constituem combinatória fechada, de distribuição única ou distribuição muito restrita, pois se apresentam como sintagmas complexos que não têm paradigmas. Em segundo lugar, sua interpretação semântica não pode ser calculada com base na soma dos significados de seus elementos, mas valendo-se da atribuição de uma significação segunda, que é convencional. E finalmente, ela deve ser empregada com frequência pela comunidade dos falantes, ou seja, o que realmente a cristaliza é a sua consagração pela tradição cultural. (FALCÃO, 2002)

A tradução das expressões idiomáticas, e das lexicalizações em geral, levanta um grande número de problemas ao tradutor. Por um lado, o leitor-tradutor tem de identificar e reconhecer as estruturas lexicalizadas na língua de partida. Por outro, tem de transpor essa lexicalização para a língua de chegada, tentando preservar na outra língua os mesmos efeitos do texto original. No entanto, estes processos de reconhecimento ou identificação, compreensão e transposição não correspondem a mecanismos lineares e implicam uma reflexão profunda sobre o ato de tradução da fraseologia, na medida em que estas estruturas não obedecem, aparentemente, a critérios objetivos de seleção e implicam uma multiplicidade de saberes linguísticos e extralinguísticos e de escolhas por parte do tradutor. (JORGE, 2002)

A autora acima ainda afirma que a quase inexistência de materiais bilíngues nesta área dificulta o trabalho, e quando estes materiais existem nem sempre facultam as respostas necessárias, pois privilegiam sempre a língua em detrimento do discurso, funcionando, na maioria dos casos, como dicionários alfabéticos. Ora, a fraseologia, mais do que a palavra enquanto elemento individual, transporta na sua concatenação pedaços da história de uma língua, da sua cultura e dos homens que a geraram. E estes traços, macerados pelo tempo e, por vezes, apagados, inseriram nessas estruturas “erosões” perenes, tanto em nível lexical, como sintático e semântico, mas também traços de expressividade, marcas de uma história. O papel da erosão e dos traços do passado passa, por vezes, despercebido aos olhos do falante e leva alguns linguistas a acentuar o lado desviante destas estruturas e a omiti-las da descrição da língua natural, pois desafiam, tanto em nível imagético como estrutural, a norma instituída.

As EIs representam um dos problemas prioritários da descrição léxica, que visa a atender a necessidades específicas de usuários, inclusive os virtuais (profissionais e especialistas da área, pesquisadores, estudantes, tradutores); entretanto, seu tratamento lexicográfico revela problemas teóricos e práticos. (XATARA, 2001)

A autora supracitada também afirma que podemos assegurar que somente um rigoroso embasamento lexicológico permite tomar decisões lexicográficas que melhor

atendam às expectativas do consulente comum em sua trajetória de busca do equivalente idiomático de uma expressão, embora, infelizmente, todos esses cuidados científico-metodológicos sejam, muitas vezes, ignorados pelo público, pelos editores e até por dicionaristas não-lexicógrafos.

As expressões idiomáticas, presentes em todas as línguas, são parte da cultura de uma comunidade linguística. A cultura, incluindo a língua, é todo o inventário de conhecimento tradicional de uma sociedade, uma construção social em constante processo de acumulação e formada por imagens parcialmente compartilhadas, imagens essas que provêm da visão de mundo de uma dada comunidade. Essa visão de mundo subjaz tanto às construções gramaticais quanto às expressões figurativas. Logo, a língua remete ao mundo de nossas experiências cotidianas, incluindo a realidade social, cultural e simbólica. Entretanto, a língua não faz referência apenas ao mundo sensorial externo, mas às imagens que se encontram na mente dos falantes (PASTORE e ZAVAGLIA, 2009).

2.3 O LÉXICO E AS CORES

As cores fazem parte do nosso dia-a-dia e estão impregnadas de simbologia e significados. Na natureza, estão distribuídas harmoniosamente, inspirando o homem na hora de sua aplicação nas artes, na moda, publicidade, etc. Em 1704, o físico e matemático inglês Isaac Newton foi o primeiro a fragmentar a luz do sol e as cores que a compõem. Serviu-se de um prisma e produziu um espectro cromático, obtendo, assim, a difração da luz branca em sete cores (as chamadas primárias): “vermelha”, “laranja”, “verde”, “amarela”, “azul”, “anil” e “violeta”.

No século XIX, Goethe, apaixonado pelas cores e se opondo à teoria de Newton, passou trinta anos tentando terminar o que considerava sua obra máxima: um tratado sobre as cores. A principal oposição de Goethe a Newton era de que a luz branca não podia ser formada por cores, cada uma delas mais escura que o branco. Portanto, ele defendia a ideia das cores serem resultado da interação da luz com a “não luz” ou a escuridão.

De acordo com Brusatin (1983 *apud* Zavaglia, 2006), o homem possui a capacidade de “enxergar as cores”, o que é diferente de quase todos os animais mamíferos, como os peixes, os répteis, os pássaros, a abelha e a libélula, e essa é uma condição de sensível incerteza sobre a qual se apoiou toda e qualquer teoria científica concernente à

essência das cores, no que diz respeito ao modo inconstante da sua aparição e do “ser percebida”.

O homem utiliza-se das expressões cromáticas para representar a cor como um aspecto sob a luz do sol - flores vermelhas, casaco azul, sapato rosa, como para representar símbolos universais e metafóricos, como ouro negro ou estar no vermelho, tudo isso ligado à experiência e à sensibilidade do homem diante do mundo que o cerca.

Com certeza, o homem, que não conseguiria mais viver sem as cores, acha lindo ver um campo bem verdinho, compra roupas de uma determinada cor ou pinta sua casa de amarelo, rosa ou azul. Adaptou-se, mesmo que inconscientemente, a exprimir suas emoções, utilizando-se de expressões cromáticas – hoje em dia tão incorporadas a sua realidade, por meio de expressões idiomáticas, sintagmáticas ou proverbiais –, cujo elo entre cor e objeto não se vincula mais em manifestações como: fiquei vermelho como um pimentão; deu branco ou estou tremendo como vara verde.

Sabendo das individualidades de cada cultura, a percepção das cores será representada linguisticamente de forma diferenciada de uma cultura para outra, isto é, cada língua possui uma maneira própria para distinguir e retratar os feixes cromáticos de sua cultura. Por outro lado: “Linguisticamente o problema consiste em correlacionar – por meio da análise dos fatos empíricos – as descrições oferecidas por sistemas determinados a mundos que poderiam ter soluções bem delineadas no universo sensível” (ZAVAGLIA, 2006, p. ?).

Para Berlin e Kay (1969 *apud* ZAVAGLIA, 2006), no século XX a doutrina da relatividade linguística é a que predomina entre os linguistas e antropólogos americanos. A relatividade linguística pode ser entendida como a relação entre linguagem e pensamento, mediada pela cultura. Ou seja, a cultura, através da linguagem, afeta o nosso modo de pensar, principalmente, devido às nossas experiências de vida. Cada língua tem um modo próprio de compilação de suas experiências, portanto, cada língua possui uma arbitrariedade semântica em relação a todas as outras línguas.

Tendo o dom de objetivar o real, todas as línguas naturais expressam sentimentos e traduzem conceitos abstratos relacionados com a experiência humana. Utilizam-se expressões idiomáticas, cujo funcionamento permite compreender não só as características semânticas do léxico, mas como em cada língua acontece a definição do sentido. Com relação a este pensamento, Houaiss (1983, p 20) observa:

Um dos traços fundamentais do progresso humano é a multiplicação de palavras [...]. Ao dominar a natureza, ao dominar as técnicas, ao dominar os conhecimentos,

só se pode fazê-lo e transmiti-lo dando nome às coisas, dando nome às idéias, criando conceitos. Então, um dos traços fundamentais disso é que a memória do homem tem que ser amparada pela criação vocabular contínua.

Pode-se dizer, então, que o que um indivíduo vê, pressente, imagina, descobre ou inventa pode ser nomeado pela palavra. Uma vez possuindo um nome, o conhecimento pode ser socializado e integrar-se na cultura coletiva. A língua cumpre essa tarefa graças, especialmente, ao seu léxico, que, no dizer de Edward Sapir (1961 *apud* ZAVAGLIA, 2006), reflete com maior nitidez o ambiente físico e social dos falantes.

Léxico poderia ser definido como o acervo de palavras de um determinado idioma. Em outras palavras, é tudo aquilo que o homem nomeia a partir de sua percepção da realidade, sendo uma forma de registrar os seus conhecimentos. É o conjunto de palavras que os falantes de uma determinada língua têm à sua disposição para expressar-se, oralmente ou por escrito. O sistema léxico de uma língua traduz a experiência cultural de uma sociedade através do tempo, ou seja, o léxico muitas vezes é considerado o patrimônio de uma comunidade linguística através de sua história, um acervo que é transmitido de geração a geração. Existe um imenso conjunto de unidades lexicais com suas divergências linguístico-semânticas que são inseparáveis e que formam as culturas e comunidades de fala.

3 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Gil (2002), diz que, delineamento refere-se ao planejamento da pesquisa em sua dimensão mais ampla, envolvendo tanto a sua diagramação quanto à sua previsão de análise e interpretação dos dados.

3.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa foi do tipo bibliográfica, que normalmente traz um resumo da literatura especializada sobre determinado tema. Uma revisão bibliográfica deve, então, mostrar a evolução de conhecimentos sobre o tema, apontando falhas e acertos, fazendo críticas e elogios e resumindo o que é, realmente, de interesse. (VIEIRA e HOSSNE, 2001).

Segundo Tachizawa e Mendes (1998), esta categoria de pesquisa pode ser uma simples organização coerente de idéias originadas de bibliografia de alto nível, em torno de um tema específico.

A pesquisa bibliográfica é realizada desde que se tenha determinado o problema que deverá ser procurado a partir de material já elaborado. Seu delineamento implica considerar as fases: determinação dos objetivos; identificação das fontes; localização das fontes e obtenção do material; leitura do material; tomada de apontamentos e redação do trabalho. (GIL, 2002).

A ferramenta utilizada na pesquisa foi o sistema de busca *Google*. Segundo alguns autores, para ter representatividade o *corpus* deve ser o mais extenso possível. Isso se deve ao fato de que quanto maior for o *corpus*, maior será a probabilidade de ocorrerem palavras ou fraseologismos. Ainda que a Web seja criticada como uma base textual com conteúdo desconhecido e impossível de ser controlada, escolheu-se esse recurso para a coleta, justamente por se impor como a maior e mais acessível base textual, além de ser rica em linguagem coloquial.

O período reservado para a consulta no *Google* foi de 08/06/2010 a 30/06/2010, onde os termos utilizados (*keywords*) foram "idiomatic expressions with colors". Os principais sites utilizados para a pesquisa foram:

http://www.eslcafe.com/grammar/special_expressions_with_colors01.html

http://www.eslcafe.com/grammar/special_expressions_with_colors02.html

http://www.eslcafe.com/grammar/special_expressions_with_colors03.html

http://www.eslcafe.com/grammar/special_expressions_with_colors04.html

<http://www.idiomconnection.com/color.html#B>.

Analisaram-se alguns aspectos das 150 EIs que foram coletadas. As EIs foram coletadas analisando as listas dos sites, utilizando as expressões encontradas e excluindo as que se repetiam. Fizemos algumas observações quanto à tipologia estrutural das EIs em inglês, quanto à tipologia de tradução dessas EIs e quanto a particularidades semânticas das EIs em inglês de tradução idiomática.

Encontramos, para a grande maioria das EIs em inglês exatamente 150 expressões, traduções parafrásicas ou explicativas e 38 também idiomáticas em português.

A proposta desta pesquisa aqui apresentada envolveu levantamento e análise de dados a partir da seguinte pergunta científica:

- Quais idiomatismos em inglês trazem nomes de cores em ao menos um de seus itens constitutivos e quais as dificuldades de tradução para a língua portuguesa?

Além disso, esta proposta também se debruçou sobre a análise dos dados obtidos por meio de revisão bibliográfica sobre a temática. O seguinte roteiro de trabalho foi adotado:

A. Revisão bibliográfica sobre a tradução de expressões idiomáticas.

B. Elaboração parcial dos resultados obtidos na revisão.

C. Levantamento de artigos, teses e dissertações envolvendo o tema desta pesquisa.

D. Análise dos dados obtidos.

E. Redação da monografia para divulgação dos resultados.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 ANÁLISE DOS IDIOMATISMOS COM CORES

Baseado em um conceito pré-estabelecido de expressão idiomática, depois de uma investigação científica no campo da Lexicologia, pretendeu-se analisar a tradução de idiomatismos em inglês formados com nomes de cores. Pôde-se observar uma grande diversidade estrutural pela qual os idiomatismos são representados na língua inglesa e comparou-se com as expressões correspondentes em português, sobretudo em peculiaridades que concernem à tipologia de tradução. Existem vários temas possíveis para análise, mas resolveu-se delimitar o tema *cores*, que, com certeza, é um tema bem amplo e produtivo, tanto em inglês quanto em português, línguas que interessam especialmente nesse trabalho.

4.1.1 O tema cores

Os itens lexicais constitutivos das EIs podem se referir:

- ao universo da natureza (os astros, os elementos, as estações, a temperatura e o tempo, a cultura e as florestas etc): *once in a blue moon* / uma vez na vida outra na morte, muito raramente; *as red as a rose* / vermelho intenso;
- a divertimento e costumes: *black-tie event* / evento formal;
- a ditos populares: *grass is always greener on the other side (of fence)* / o do outro é sempre melhor;
- ao corpo humano e suas partes que expressam a inevitável relação que temos com o próprio organismo e a própria anatomia: *black eye* / olho roxo; *blackhead* / espinha;
- a alimentos, sólidos ou líquidos: *egg white* / clara do ovo; *brownie* / bolo de chocolate;
- a condições sociais: *blue-blood* / sangue azul;
- a animais: *white elephant* / algo inútil, mas que custa dinheiro para ser mantido;
- a doenças: *green around the gills* / descrever alguém que está pálido e como se estivesse ficando doente;
- a estados físicos ou mentais: *blue* / depressivo; *yellow* / covarde;
- a expressões de quantidade: *be six feet under* / estar sete palmos abaixo da terra; *the seven year itch* / crise dos sete anos;
- a locais diversos: *black market* / mercado negro;
- a meios de transporte: *need something like a fish needs a bicycle* / precisar de algo como careca de pente;

- a minerais, rochas e derivados: *as red as a ruby* / vermelho intenso;
- a nacionalidades e raças: *French letter* / camisinha; *black bean* / pessoa negra;
- a nomes próprios: *keep up with the Joneses* / querer ter o que os outros têm; *John Hancock* / dar uma assinatura;
- a objetos variados: *look at the world through rose-colored glasses* / ser muito otimista;
- a profissões e atividades afins: *blacksmith* / ferreiro; *man in blue* / policeman;
- a relações de parentesco ou amizade: *hen-pecked husband* / marido de mulher que veste calças; *at your mother's knee* / quando se usava fralda;
- ao vestuário: *pull a rabbit out of the hat* / tirar um coelho da cartola; *put a bee in one's bonnet* / deixar [alguém] com a pulga atrás da orelha.

Nos vários itens mencionados acima, as cores representam uma pequena parte quando tratamos das EIs. Podemos perceber que algumas cores são mais produtivas que outras, porque são as que mais aparecem na formação de uma EI, como por exemplo, red, white, black, yellow, blue, green.

4.1.2 Tipologia estrutural

Observou-se que as EIs inventariadas organizam-se em vários modelos estruturais:

a) EIs que se iniciam com conjunções:

Conj + V + S + Prep + S = *like waving a red flag in front of a bull* / brincar com fogo.

b) EIs que se iniciam com preposições:

Prep + S = *in the red* / estar no vermelho.

Prep + S + S = *in black and white* / por escrito.

c) EIs que se iniciam com adjetivos:

Adj + S = *black eye* / olho roxo.

Adj + Prep + S = *red in the face* / envergonhado.

d) EIs que se iniciam com substantivos:

S + V + Adj = *ears are red* / as orelhas ficarem vermelhas por constrangimento.

S + V + Adv + Adj + Prep + S + S = *grass is always greener on the other side of the fence* / a grama do vizinho é sempre mais verde.

e) EIs que se iniciam com verbos:

V + N = *get the blues* / ficar deprimido.

V + Adj + S = *have a yellow streak* / ser covarde.

V + S + Adj = *catch someone red-handed* / pegar alguém em flagrante.

V + S + Adj + S = *give someone the green light* / dar o sinal verde.

V + Adj + S = *have rosy outlook* / estar de bem com a vida.

V + Prep + S + Prep + Adj + S = *look at world through rose-colored glasses* / ver o lado bom das coisas.

4.1.3 Tipologia de tradução

Encontramos, para a grande maioria das EIs em inglês (exatamente 150 expressões), traduções parafrásicas ou explicativas e 38 também idiomáticas em português.

4.1.3.1 Exemplário de EIs com tradução idiomática:

as white as a sheet / a ghost - branco como cera

born to the purple – nascer em berço de ouro

get gray hair – ficar de cabelo branco [devido ao estresse]

in the red – estar no vermelho [ter dívidas]

lend color to something – dar vida a algo

like waving a red flag in front of a bull –cutucar onça com vara curta

in someone's black books – estar na esquerda de alguém

red-carpet treatment – tratamento VIP

4.1.3.2 EIs com traduções explicativas ou parafrásicas

blacklist someone – colocar alguém na lista negra

blue-collar worker - operário

blackball someone – chantagear alguém

be green with envy – ter inveja

in black and white – por escrito

in the pink – boa saúde

4.1.4 Particularidades semânticas das EIs com tradução idiomática

a) Verificamos que constou, em somente uma delas, a presença de outra cor que não aquela da expressão em inglês. Por exemplo, na EI *black eye* e em seu correspondente *olho roxo*, observamos que a cor não é a mesma: temos *black*, *preto* em inglês, e *roxo* em português.

b) Na tradução de algumas EIs, foi mantido a mesma cor da EI em inglês. Por exemplo, na EI *blue blood* e em seu correspondente *sangue azul*, o animal, *blue* ou *azul*, é o mesmo. Outros exemplos:

black box – caixa preta

white elephant – elefante branco [algo sem valor]

red meat - carne vermelha

green belt – cinturão verde [área verde ao redor de uma cidade].

c) Algumas expressões possuem correspondentes muito parecidos em português, além de manterem a mesma cor. Por exemplo, a EI *black widow* e seu correspondente *viúva negra* tem alto grau de literalidade. Outros exemplos:

black as coal – preto como o carvão

red as blood – vermelho como sangue

black sheep – ovelha negra

have a green thumb – ter o dedo verde

give someone the green light – dar sinal verde para alguém

see the color of the money – ver a cor do dinheiro

black as night – escuro como noite

d) Observamos que mais de uma EI em inglês podem ser traduzidas para uma mesma expressão correspondente em português. Por exemplo, *red as a cherry* e *red as a poppy* correspondem a *vermelho vivo*. Outros exemplos:

black as a skilnet / black as a pitch – muito preto

born to the purple / born with a silver spoon in one's mouth – nascer em berço de ouro *have a yellow streak down one's back / be yellow* - ser covarde.

e) Constatamos também que para algumas EIs em inglês, há mais de um correspondente em português. Por exemplo, para a EI *black out*, podemos encontrar *desmaiar ou perder a consciência, ou blecaute (falta de energia)*. Outros exemplos:

red hot – em brasa; muito popular (gíria)

brownie – with a capital B, Bandeirante, que pertence ao grupo de escoteiros; bolo de chocolate.

f) Encontramos também muitas expressões cujos correspondentes não possuem nenhuma cor. Por exemplo, a EI *catch someone red-handed* e seu correspondente sem qualquer menção a cor *pegar alguém em flagrante*.

Outros exemplos:

in the black – rentável

red-letter day – dia memorável

red herring – pista falsa

tickled pink – lisonjeado

true blue – muito fiel

white lie – mentira inofensiva

green around the gills – esquálido (parecendo doente)

every cloud has a silver lining – nada é tão ruim quanto parece

Após a análise dos dados segue a discussão deles de acordo com alguns pesquisadores.

De acordo com Ortiz Alvarez (1998), ensinar uma língua estrangeira é mais que a aprendizagem das estruturas gramaticais de um idioma: é transmitir uma cultura, a mentalidade de uma nação: o que é, o que pensa, o que quer, como se comporta uma comunidade. Desta maneira, a fraseologia é considerada como um patrimônio linguístico de grande valor, onde se manifesta a visão do mundo, de uma determinada cultura, os seus costumes populares e tradições que evoluem no tempo a partir do contato com outras culturas.

Com a finalidade de identificar e interpretar expressões idiomáticas, estuda-se a cultura em que foram convencionadas, verificam-se as metáforas que motivaram sua origem e o nível de congelamento que caracteriza certos grupos de idiomatismos. Investiga-se, para a referida análise, a diversidade estrutural pela qual os idiomatismos são representados na língua inglesa e apresentam-se as expressões correspondentes em português, considerando-se, sobretudo, as peculiaridades concernentes à tipologia da tradução. Constata-se que o inglês e o português, muitas vezes, compartilham os significados figurativos que os referidos idiomatismos encerram (PESSIM, 2008).

Segundo Silva (2009), podemos selecionar quatro máximas que condicionam uma expressão ao *status* de “expressão idiomática”:

1ª: a “expressão idiomática é uma sequência de palavras que funciona como unidade”, definição de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira que constitui um embrião para a discussão da expressão idiomática;

2ª: a expressão idiomática é uma estrutura cristalizada da língua;

3ª: a expressão idiomática tem um significado global que não é dedutível dos significados das palavras que a compõem;

4ª: a expressão idiomática geralmente não pode ser entendida ao pé da letra.

Segundo Rónai (1976, p. 16),

O uso de expressões figuradas dá-se em todos os idiomas conhecidos e não apenas na prática literária. Muitas dessas expressões conseguem adoção geral a ponto de serem empregadas sem que a pessoa falante se lembre do sentido primitivo das palavras que a compõem. “É uma mão na roda” – dizemos pensando num auxílio que vem no momento oportuno, sem vermos a imagem da carroça encalhada[...]

O autor citado acima, de acordo com Silva (2009), afirma que o ele remete-nos a concluir que “expressão figurada” é necessariamente sinônimo de expressão idiomática, na medida em que ele define “expressões figuradas” como sendo aquelas que conseguem adoção geral a ponto de serem empregadas sem que a pessoa falante se lembre o sentido primitivo as palavras que as compõem, assim como no caso das expressões idiomáticas em que geralmente o sentido individual das palavras é ignorado ou esquecido, porque o sentido global da expressão afastou-se dos sentidos individuais dos elementos constitutivos da expressão.

Ortiz Alvarez (1998) afirma que expressão idiomática é uma combinação (sintagma) metafórica que se cristalizou pelo uso e frequência de emprego (passando do individual para o social) numa determinada língua apoiada na sua tradição cultural. Do ponto de vista semântico, numa expressão idiomática o significado dos seus elementos constituintes não corresponde ao sentido geral do todo, o sentido global do conjunto não é igual à soma do significado das partes, isto é, sua interpretação semântica não pode ser calculada a partir da soma dos seus elementos. Por exemplo, na expressão **apitar na curva**, não é **apitar + curva** que vai dar o sentido idiomático de **morrer**. Assim, as expressões idiomáticas passam por dois estágios, o primeiro é processo de cristalização que as torna estáveis em significado e o segundo é a frequência de seu emprego.

As *Verb-Particle Constructions* (VPCs), segundo Gazzana (2008) são construções verbais complexas, características das línguas germânicas, como por exemplo, o holandês, o alemão, o dinamarquês e o próprio inglês. Estas estruturas são sintática e semanticamente

complexas, pois são formadas por mais de uma palavra que juntas, produzem um só significado, o que as torna um desafio enquanto objetivo de estudo.

No que concerne à natureza morfossintática, que ratifica o princípio da complexidade lexical, identificam-se EIs verbais, nominais, adjetivas, adverbiais e frasais (RIVA, 2009).

Riva (2009) verificou em seu estudo alguns exemplos dessas estruturas:

- a) sintagmas verbais: *bater as botas* ou *sentar a mão*. E podem ocorrer EIs elípticas nas quais não se explicita um dos elementos do sintagma frasal: *saber (...) por alto* ou *tomar todas (...)*.
- b) sintagmas nominais: *cara de cavalo*; *rato de biblioteca*.
- c) sintagmas de função adjetiva com ou sem construções paralelas: são aquelas EIs que funcionam como adjetivos mas que modificam o substantivo, caso de *homem de bem*, que qualifica o indivíduo honesto, ou *mulher de verdade*, para designar a que assume grande responsabilidade ou tem postura rígida.
- d) sintagmas de função adverbial: a EI *de cara*, por exemplo, que é uma locução adverbial conotativa, é empregada em determinados contextos nos quais pode ser substituída por advérbios como “subitamente” ou “repentinamente”, por exemplo: *abandonar de cara*, *falar de cara*.
- e) sintagmas frasais, exclamativos ou interrogativos: *tá com fogo no rabo?*, por exemplo, é usada para questionar sobre grande agitação de um indivíduo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No estudo realizado constatou-se a dificuldade de encontrar obras de referência que se dediquem em especial ao tema desta pesquisa. Mesmo com a escassez de literatura, pôde-se verificar que existem vários idiomatismos em inglês que trazem nomes de cores em ao menos um de seus itens lexicais constitutivos e através do estudo verificou-se os provérbios e as expressões fixas, bem como à busca dessas expressões lexicais.

É importante conhecer os idiomatismos e estudar mais profundamente suas implicações, pois o papel dos tradutores que assumem esse desafio é algo singular. Percebeu-se que algumas vezes os tradutores têm de dar conta da árdua tarefa de traduzir textos originais redigidos em inglês, por exemplo, por não-nativos. Não se traduz, afinal, somente de uma língua para outra, mas também de uma cultura para outra. A tradução requer do tradutor um repertório de conhecimentos gerais, de acordo com os interesses a que se destina.

Os idiomatismos são, dentre outras tantas possibilidades de se estudar unidades lexicais, cada vez mais objetos indispensáveis para análises destinadas a esclarecer o funcionamento e desenvolvimento das línguas, a auxiliar no ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira e na prática tradutória, uma vez que as EIs empregadas normalmente no discurso dos falantes nativos de uma língua quase sempre causam estranheza e dificuldade de entendimento aos aprendizes estrangeiros.

O tradutor, muitas vezes, encontra dificuldade em traduzir, não devido a sua limitação, mas sim à falta de clareza do texto original. De acordo com alguns pesquisadores linguistas, a problemática da tradução é levantada com frequência, do ponto de vista das línguas. O ato da tradução não consiste em traduzir palavras e significados, tampouco frases ou construções, se traduzem textos. E estes não são elaborados apenas com meios linguísticos, mas também com a ajuda de meios extralingüísticos. A tradução tem por objetivo reproduzir, não o mesmo significado, mas sim a mesma designação e o mesmo sentido com os meios de outra língua.

Conclui-se que o tradutor deve possuir vivência e amplo conhecimento cultural e linguístico para realizar uma tradução. O tradutor pode ter falhas não apenas por desconhecimento das culturas, do assunto e dos idiomas envolvidos no processo de tradução, mas também por falta de qualificação que o permita utilizar procedimentos técnicos adequados.

REFERÊNCIAS

BASNETT, S. **Estudos de tradução**: fundamentos de uma disciplina. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CAMPOS, G. **O que é Tradução ?**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1986.

CORRÊA, L. C.; SANTOS, E. C. P. dos; MARTINS, R. T. **Fraseamário**: dicionário multilíngüe de expressões idiomáticas e outras combinatórias lexicais. III Projeto Integrado de Prática Educacional do Curso de Letras. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008
Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/Letras/PassoaPasso.pdf>
[acesso em 30/12/2009]

EFTEKHAR, N. **A Brief Overview On Idiomatic Translation**. Outubro 2008. Disponível em: <<http://www.translationdirectory.com/articles/article1739.php>> [Acesso em: 08/05/2010]

FALCÃO, P. C. S. **A tradução para o português de expressões idiomáticas em inglês com nomes de animais**. São José do Rio Preto, 2002. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - Universidade Estadual Paulista.

FERREIRA, A. B. de H. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988

_____. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FROTA, M. P. Por Uma Redefinição de *Subjetividade* nos Estudos da Tradução . *In*: MARTINS, M. A. P. (org) **Tradução e Multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999, p.52-70.

GAZZANA, M. A. **A contribuição semântica das partículas nas verb-particle constructions: um estudo sobre ‘away’, ‘out’ e ‘over’ através da linguística de corpus**. Mestrado (Dissertação) Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada. 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

JORGE, G. **Da palavras às palavras**: alguns elementos para a tradução das expressões idiomáticas. *Polifonia*, Lisboa: Colibri, n.º 5, 2002, p. 119-133

JULIANO, J. M. M.; CITTOLIN, S. F. **Tradução**: considerações históricas e definições. *Revista de Letras*, n 7. 2005 Disponível em:
<<http://www.dacex.ct.utfpr.edu.br/joicesimone7.htm>> [Acesso em: 08/05/2010]

HOUAISS, A. **A crise de nossa língua de cultura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

HUMBOLT, W. von. *From Introduction to His Translation of Agamemnon*. In: SHULTE, R.; BIGUENET, J. **Theories of Translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida**. Chicago e London : The University of Chicago Press, 1992, p.55-59.

LADMIRAL, J-R. **Tradução: teoremas para a tradução**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1979.

LEMOS, D. S. **As expressões idiomáticas e o ensino da língua espanhola**. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/40/AS%20EXPRESS%C3%95ES%20IDIOM%C3%81TI%20CAS.pdf> . [acesso em: 30/12/2009].

MATIAS, L. C. **Expressões idiomáticas corporais no dicionário bilíngüe de uso espanhol-português / português-espanhol (DiBu)**. 2008 126f. Dissertação (Conclusão do Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução) Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Florianópolis - SC, 2008.

NASCENTES, A. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 4 vol. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional, 1961/1967.

NIDA, E. A. **Learning a foreign Language**. U.S.A.: Frideship Press, 1957.

ORTIZ ALVAREZ, M.L. **Expressões idiomáticas: ensinar como palavras, ensinar como cultura**. Artigo publicado como capítulo de livro em: Feytor Pinto, P & Júdice, N. (org.) Para acabar de vez com Tordesilhas. Lisboa,: Edições Colibri, 1998, pp.101-117

_____. **As expressões idiomáticas nas aulas de ELE: um bicho de sete cabeças?** In: REY, I. G. (Org). **Les expressions figées em didactique des langues étrangères**. Proximités E.M.E, 2007, v. 1, p. 159-179.

PAES, J. P. **Tradução: a ponte necessária**. São Paulo: Ática, 1990.

PASTORE, P. C. F.; ZAVAGLIA, C. **Elaboração do dicionário inglês-português de expressões idiomáticas com nomes de animais: um estudo baseado em corpora**. 2006. Disponível em: http://www.mel.ileel.ufu.br/gtlex/viiengtlex/pdf/resumos/paulaPastore_Zavaglia.pdf . [acesso em: 30/12/2009]

_____. **A simbologia dos animais em expressões idiomáticas inglês-português: uma proposta lexicográfica**. 2009 233f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto [s.n.], 2009.

PESSIM, M. das G. C. **Análise cognitiva de idiomatismos com partes do corpo**. I Simpósio de Letras, Discurso, Texto e Contexto: Rumos e Prespectivas. Caderno de Resumos. 2008.

RIOS, T. H. C. **Idiomatismos português-francês-espanhol com nomes de partes do corpo humano**. 2003. 186 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos: Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

_____. **As expressões idiomáticas no ensino de espanhol como língua estrangeira.** *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v.12, n.2, p.393-418, jul./dez. 2009

RIVA, H. C. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na Língua Portuguesa do Brasil.** Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Campus de São José do Rio Preto, 2009.

RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. **Correspondência idiomática intra e interlínguas.** 2002
Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/rbla/2002_2/artigo7.pdf . [acesso em: 30/12/2009]

ROBINSON, D. **Construindo o tradutor.** São Paulo: EDUSC, 2002.

RODRIGUES, E. **Análise do ensino de tradução: teoria e prática.** 2008. Disponível em: <http://www.ebah.com.br/analise-do-ensino-de-traducao-teoria-e-pratica-doc-a15011.html>. [acesso em 30/12/2009]

RÓNAI, Paulo. **Tradução Viva.** Rio de Janeiro: Educom, 1976

SCHOPENHAUER, A. On Language and Words. *In*: SHULTE, R.; BIGUENET, J. **Theories of Translation: an anthology of essays from Dryden to Derrida.** Chicago e London : The University of Chicago Press, 1992, p.32-35.

SCOTTINI, A. **Dicionário escolar da Língua Portuguesa.** Blumenau: Todo Livro, 1998.

SCHULTE, R.; BIGUENET, J. **Theories of Translation: An Anthology of Essays from Dryden to Derrida.** Chicago and London : The University of Chicago Press, 1992.

SILVA, G. J. da. **Um estudo dos idiomatismos: de suas características ao seu caráter de dificuldade de compreensão e tradução do francês para o português.** Trabalho de Conclusão de Curso. Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

TACHIZAWA, T.; MENDES, G. **Como fazer monografia na prática.** Rio de Janeiro: FGV, 1998.

VIEIRA, S.; HOSSNE, S. **Metodologia científica para área da saúde.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

XATARA, C. M.; RIVA, H. C.; RIOS, T. H. C. **As dificuldades na tradução de idiomatismos.** *Cadernos de tradução*. Vol 2. No 8. 2001. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/5892/5572>.> [acesso em: 30/12/2009]

XATARA, C. M.; RIOS, T. H. C. **O estudo contrastivo dos idiomatismos: aspectos teóricos.** *Caderno Seminal Digital*, Ano 13, Nº 7, V 7 54-65 p. (Jan/Jun 2007)

XATARA, C. M. **Dicionário de expressões idiomáticas francês-português / português-francês. Idioma**, 21. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro – UERJ, 2001 Disponível

em: <www2.uerj.br/~institutodeletras/idioma.html> [acesso em: 08/05/2010]

ZAVAGLIA, Claudia. **Dicionário e cores**. São Paulo, 50 (2): 25-41, 2006